CONFIDENCIAL

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
Serviço Nacional de Informações

Memorando AG 0210 /SI-Gab Brasília, DF, 21 de MARÇO de 19 70

S.N.I.
AGÊNCIA CENTRAL
004191 23 MAR 70
PROTOCOLO

Do: CH GAB/SNI
Ao: CH/AC/SNI
Referência: DOCUMENTO CONFIDENCIAL C/TREZE FLS., - EXEMPLAR Nº 2 -
28 FEV 70.

Anexo: Cópia Xerox do Doc da referência - Prot 0467/SI-Gab/70
-Cópias TF dos Avisos nºs 097 e 098/SI_Gab/70.

Resumo do Assunto: NECESSIDADE DE UM SISTEMA DE DEFESA PARA O ATLÂNTICO SUL.

DESPACHO: Para conhecimento.

Observações: A SI-Gab , em 20 MAR 70, remeteu cópia dêste Documento através dos Avisos nºs 097 e 098 para o EMFA e SG/CSN,(Cópia TF anexa).

18210

CONFIDENCIAL

SNI/SI — Gab
PROTOCOLO
Nº 0467
Em 23/3/70

EXEMPLAR Nº 5

NECESSIDADE DE UM SISTEMA DE DEFESA PARA O ATLÂNTICO SUL

18210

CONFIDENCIAL

Não oferece hoje dúvidas o interesse crescente da Rússia pelo Atlântico Meridional. Como o limite da área da NATO para o sul é o Trópico de Câncer, toda a vasta zona central e sul do Atlântico fica fora da região defendida. E assim, protegida a parte Norte deste Oceano contra eventuais penetrações russas, a sua parte sul passou a ser mais vulnerável, por não dispôr até hoje de um sistema de defesa coordenada. Por isso mesmo, e ciente do valor econômico e da importância estratégica de tão vasta zona geográfica, a União Soviética não tem poupado esforços para estender naquela direcção a sua influência e o seu domínio.

A presença da esquadra soviética no Mediterrâneo, que proporcionou à Rússia uma via mais rápida do que a dos mares do Norte para alcançar o Atlântico, intensificou a sua ameaça sôbre êste Oceano e suscita hoje justificada preocupação nos meios ocidentais. Começa por isso a considerar-se premente a necessidade de proteger as rotas marítimas e as linhas aéreas que passam naquela zona e que se reputam essenciais para a economia e para a defesa do Ocidente.

03L8R03

Com efeito o encerramento do Canal de Suez, obrigando a utilizar a via marítima do Cabo para o transporte de petróleo e de outras matérias primas, tornou de sobremaneira agudo o problema da defesa do Índico e do Atlântico Sul.

Na eventualidade de uma nova guerra mundial, a presença russa na região seria susceptível de inutilizar não apenas a rede de transportes do Ocidente no Atlântico, mas também as suas próprias fontes de abastecimento e centros de produção de materiais estratégicos, quer no Continente africano quer no sul americano. Mas o controle das rotas marítimas em tempo de paz é igualmente útil a Moscovo, facilitando-lhe, inclusivamente, o fornecimento de materiais militares a grupos terroristas, a movimentos revolucionários e até a eventuais conflitos regionais nos países ribeirinhos.

É, aliás, ainda no âmbito desta tentativa de domínio do Atlântico que a URSS procura chamar à sua órbita alguns dos países africanos recem-independentes, e bem assim estimular e auxiliar as guerrilhas que actuam nas Províncias Portuguesas de África.

Idêntico objectivo prossegue Moscovo, paralelamente, em relação à zona das Caraíbas e aos países sul americanos. Neste quadro se integrava, por exemplo, o projecto russo de construir uma base de mísseis em Cuba e que foi oportunamente inutilizado pelos Estados Unidos, que viram ameaçada de perto a sua própria segurança!

II

03L8R05

A preparação russa para o domínio dos mares data do fim da 2ª Guerra Mundial. A sua Marinha começou a desenvolver-se desde então, atingindo hoje grande e tão considerável que torna a Rússia uma das duas maiores potências navais do mundo. Os seus navios e submarinos, numerosos e modernissimos, navegam actualmente em todos os Oceanos a coberto da "liberdade dos mares".

A sua frota de submarinos é a mais importante do mundo, havendo indicações de que o ritmo de construção é de 7 a 8 unidades por ano. Calcula-se, por outro lado, que o seu total ultrapassa 450 submarinos. Destes, cêrca de 90 estão apetrechados com engenhos balísticos e cerca de 200 poderão ser fàcilmente adaptados ao lançamento de mísseis. Numerosas destas unidades são movidas a propulsão nuclear.

Os navios científicos da Rússia, também em número muito elevado, têm estudado em pormenor as orlas costeiras do Atlântico (quer do lado africano quer do americano) e explorado com método as possibilidades das respectivas plataformas continentais, nomeadamente a sua riqueza em materiais estratégicos. Diz-se ainda que procuram também localizar zonas propícias para a construção de futuras bases navais.

A frota mercante compreende, por seu lado, numerosos navios apetrechados com excelente equipamento electrónico e está preparada para, a qualquer momento, participar em operações navais, funcionando então as respectivas

unidades como transporte de tropas e de material militar e ainda como abastecedoras da Marinha de Guerra. De 1960 a 1966, a sua tonelagem aumentou de 150%, calculando-se que deverá atingir, em 1980, 27 milhões de toneladas.

A frota de pesca, igualmente modernissima, possui um número elevado de barcos bem apetrechados, susceptíveis de serem transformados, em qualquer altura e em qualquer lugar, em unidades de transporte de armamento e de desembarque de tropas. Segundo informações prestadas em 1969 pelo Presidente da Sociedade estadual soviética - "Sovrybflot", a frota pesqueira russa dispunha, só no Atlântico, de 2 500 navios, tripulados por 25 000 homens. A adaptação destes navios, em tempo de guerra, para fins militares é, aliás, facilitada pela circunstância de pertencerem ao Estado e não a empresas privadas.

Por outro lado, a Rússia não se limitou à modernização das suas [illegible]. Neste longo período que data da 2ª Guerra Mundial teve oportunidade de melhorar também os seus métodos operacionais, a sua estratégia náutica e o seu pessoal.

Quase todos êstes navios russos exercem hoje as suas actividades principalmente nos pontos nevrálgicos das zonas oceânicas e nas regiões costeiras, onde as respectivas tripulações se entregam com frequência a tarefas de investigação e de espionagem, em que foram escrupulosamente industriadas.

III

A presença da esquadra russa no Mediterrâneo veio facultar a sua saída para o Atlântico, que deixou de ser um "Mar ocidental". Segundo notícia muito recente da agência "Europa Press", de todos os navios que entraram no porto de Las Palmas em Janeiro findo, os de pavilhão soviético foram os mais numerosos. Das 124 unidades russas ali entradas naquele mês, 79 eram barcos de pesca, 43 de carga e apenas 2 de passageiros.

Por outro lado, possuindo os navios e aviões modernos maior raio de acção, mais viável se torna o percurso de longas distâncias e mais fácil o controle das comunicações. Se se considerar, por fim, a circunstância de muitos países da Europa haverem abandonado as suas posições políticas e estratégicas no continente africano, melhor se com

prenderá ainda as perspectivas abertas à Rússia para o domínio do Atlântico Sul.

Uma vez instalados no Golfo Pérsico e no Mediterrâneo, e tendo alcançado posições chaves no Índico e no Atlântico Sul, ficam então os russos habilitados a controlar linhas aéreas e rotas marítimas essenciais ao Ocidente, podendo, em consequência desse domínio, exercer pressões políticas sôbre os Estados Unidos, sôbre a América do Sul e sôbre a África Meridional.

Com êste objectivo procurará também a Rússia estabelecer bases ao longo do Atlântico que facilitem o abastecimento das suas frotas. Vem a propósito referir que Moscovo tem apoiado a pretensão da Argélia de obter uma saída para o Atlântico, à custa de territórios de Marrocos e do Sahara Espanhol. Por outro lado, a sua influência no Egipto e o abandono de bases ocidentais naquele país facilitam-lhe enormemente as suas operações navais no Mediterrâneo. Na hipótese de uma Guerra Mundial não seria tampouco difícil à Rússia a encerrar o Canal de Suez, em cuja região se tem infiltrado a pouco e pouco, a pretexto de auxiliar os povos árabes contra Israel. Se tal se verificasse, todo o tráfego marítimo do Médio Oriente para o Atlântico e do Atlântico para o Extremo Oriente teria de seguir a rota do Cabo, tal como sucede hoje por causa do conflito israelo-árabe, tornando assim o Atlântico uma região imprescindível ao Ocidente. Neste contexto se integra o crescente interesse de Moscovo pela extensão do seu domínio marítimo à parte central e meridional daquele Oceano.

03L8R03

IV

Nessa zona geográfica, a atenção russa volta-se particularmente para o Arquipélago de Cabo Verde e para a Guiné Portuguesa, que são considerados pontos estratégicos de maior relevância. O primeiro fica muito próximo da rota marítima da Europa para a América do Sul. A sua posição excepcional, a centenas de milhas da costa africana e a 1 400 milhas do porto de Natal (o mais próximo na América do Sul) poderá facultar a quem o domine apertado controlo sôbre uma vasta área do Atlântico Central. Há por isso mesmo quem considere que o seu valor estratégico é até superior ao dos Açores no Atlântico Norte.

Quanto à Guiné Portuguesa, situada na Costa ocidental africana poucos graus a sul de Cabo Verde, representa, a par deste Arquipélago, outro ponto-chave da navegação no Atlântico. As duas províncias poderiam proporcionar, a qualquer grande potência marítima, o controle do tráfego do Atlântico Norte para a União Sul Africana e para o Índico (que passa geralmente entre Cabo [illegible]de e Guiné) e o da África Ocidental e Meridional para as Américas (que transita a pouca distância do Arquipélago).

Nestas circunstâncias, não é de surpreender que a Rússia esteja a intensificar o seu auxílio aos terroristas que actuam na Guiné Portuguesa. Ela desejaria, na verdade, vir um dia a dominar aquele território, donde não lhe seria difícil alcançar também o Arquipélago. Recorda-se de passagem que, já em 29 de Junho de 1961, declarou Amilcar Cabral à "France Presse" que o próximo objectivo do seu movimento era "estender a acção militar do PAIGC a Cabo Verde".

03L5R03

Segundo informações em poder das autoridades portuguesas, pode-se afirmar que os portos do Arquipélago têm sido estudados em pormenor por técnicos da Rússia e que numerosos elementos do PAIGC têm partido para aquele país e para Cuba a fim de serem treinados com vista à ocupação de Cabo Verde. Muitos deles estiveram em bases navais do Mar Negro, onde foram instruídos em tácticas de desembarque e preparados como homens-rãs. Ainda de harmonia com as mesmas informações, foram já elaborados no estrangeiro planos que prevêem, para êsse efeito, a utilização de barcos soviéticos com bandeira de outros países.

Se juntarmos às duas posições estratégicas da Guiné e de Cabo Verde as de S.Tomé e de Angola, melhor se entenderá a razão do persistente auxílio dos comunistas aos grupos rebeldes dos territórios portugueses.

Além disso, a presença da Rússia nas costas da África Ocidental ofereceu-lhe-ia não só o controle sobre as rotas marítimas, mas também excelentes bases de apoio naval e aéreo e o domínio total de importantes fontes de matérias primas, como as da região mineira do Catanga.

V

Do lado da América Central e do Sul prosseguem os rumos, paralelamente, objectivos idênticos aos da orla afri

-cana. A visita a Cuba, de 20 a 27 de Julho de 1969, de uma esquadra soviética composta por unidades apetrechadas com armamento nuclear moderno, abriu o caminho à presença regular de vasos de guerra russos naquelas paragens.

Segundo um estudo elaborado no ano findo pelo Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais da Universidade de Georgetown, a Rússia manteria de 1 a 3 submarinos com engenhos balísticos, por períodos de 6 a 8 semanas, a 800 ou 1 000 milhas ao largo da costa dos Estados Unidos. Esse número terá possivelmente aumentado. No entanto, a "visita de amizade" da esquadra a Cuba revestiu-se de particular interesse por ser a primeira vez que navios de guerra soviéticos entraram abertamente numa zona de domínio americano é tradicional.

03L8R03

No que respeita propriamente às costas da América do Sul, salienta-se que têm sido ali assinalados numerosos barcos de pesca russos, particularmente nas proximidades do Mar da Prata. Parece, aliás, que a decisão do Governo argentino de estender para 200 milhas o limite dos seus direitos de pesca, foi determinada pela necessidade de afastar da sua costa os barcos pesqueiros russos. Com efeito, é um facto incontroverso que tais barcos estão equipados para actividades que nada têm a vêr com a faina piscatória.

Relembra-se, a êste respeito, que em 1968 foram assinalados submarinos e navios russos nas costas da Venezuela, da Colômbia, do Brasil, da Argentina e do Chile. Quatro dessas unidades foram apresadas em águas territoriais argentinas, no momento em que elementos das respectivas tripulações procuravam fotografar zonas costeiras. O capitão de uma delas, Luc Kavenko, seria conhecido pelas actividades de espionagem que exercera, anos antes, em Istambul. Segundo certos observadores, as referidas unidades navais tinham por missão estudar a plataforma continental da América Latina e levantar cartas das respectivas costas, "possivelmente para localizar pontos adequados para futuros portos clandestinos e para bases de reabastecimento de submarinos".

Com efeito, não só a Argentina como também o Brasil, o Uruguai e o Chile dispõem de posições estratégicas apreciáveis no Atlântico Sul, além de possuirem fontes importantes de matérias primas (sobretudo o Brasil) que são de maior interesse para o Ocidente.

Não é por isso de admirar que alguns brasileiros tenham entre outros, chamado a atenção para o perigo da ameaça soviética na América Latina. Assim, em 4 de Fevereiro de 1969, em artigo publicado no "Diário de Notícias" de S.Salvador, Assis Chateaubriand preconizava a integração do Brasil na NATO. Alegava ele que um país com 1 600 léguas de costa não podia abster-se de colaborar num sistema de defesa do mundo ocidental. Aliás já anteriormente, em 6 de Janeiro de 1958, o Chanceler Macedo Soares, em entrevista concedida ao "Globo", havia defendido um ponto de vista idêntico. Em Junho de 1968, o novo Director Geral de Portos e Costas do Brasil, Vice-Almirante Hilton Moreira, chamou a atenção para o crescente poderio naval russo e para a necessidade de aumentar, por êsse motivo, o potencial marítimo brasileiro.

DSL8R03

Do lado argentino, o Comandante em Chefe da Armada, Almirante Varela, proferiu um discurso em Maio de 1968, no "Dia da Marinha", em que fez, entre outras declarações de interesse, as seguintes:

a) as perspectivas do Canal de Suez e do Panamá fazem prever extraordinária importância para o Atlântico Sul, muito especialmente em caso de guerra;

b) cabe à Argentina não só defender a cabotagem do seu petróleo vindo do sul do país e as suas próprias rotas costeiras, mas também contribuir para a defesa das comunicações do Ocidente no Atlantico Sul;

c) durante a última guerra, verificou-se que a Alemanha, começando apenas com 60 submarinos, conseguiu destruir ou inutilisar cerca de 600 barcos ao longo do Atlântico Sul; ora a Rússia dispõe hoje (em 1968) de 400 submarinos com 20 anos de aperfeiçoamento;

d) em caso de guerra não poderia esperar-se, nesta conjuntura, uma ajuda dos Estados Unidos, que estariam então absorvidos com a defesa das suas próprias linhas de comunicação;

e) por outro lado, as actuais condições da Marinha Argentina não lhe permitiriam cumprir, por si só, as obrigações de defesa própria e ocidental no Atlântico Sul.

Ainda em relação à América do Sul, resta dizer que o auxílio comunista aos movimentos rebeldes africanos tem também a sua contrapartida na margem sul-americana, sob a forma de estímulo e de ajuda às guerrilhas que actuam na região. O

fomento dessas guerrilhas tem sido dirigido sobretudo de Cuba, que igualmente auxilia os terroristas africanos. E, também neste caso, os barcos pesqueiros cubanos desempenhariam papel relevante, quer para o desembarque de guerrilheiros em diversos pontos quer para lhes fornecer armas e munições.

VI

A presença da Rússia faz-se sentir sobretudo no Mediterrâneo e no Atlântico Sul, isto é, em zonas adjacentes e vitais à área da NATO, cuja estrutura militar não permite a penetração soviética. Todavia, a sua ação exerce-se também no Pacífico e no Índico, sendo por que neste último se situa um importante segmento da rota que contorna o Cabo. Em face dessa ameaça, o Chefe da Organização Conservadora britânica, Senhor Edward Heath, declarou em 16 de Janeiro último, ao regressar da sua visita à Malásia e Singapura, que se o seu partido ganhasse as eleições restabeleceria as bases inglesas no Índico.

02L8R03

O interesse de Moscovo pelo Oceano Índico, a par do que nutre pelo Atlântico Sul, traduz-se num movimento de envolvimento do continente africano e visa o circuito do tráfego naquela rota marítima, imposta à navegação ocidental pelo encerramento do Suez. Mas tal ameaça afecta não só a Europa, a África e a América como também parte da Ásia e a Austrália, que igualmente vêem ameaçada a segurança das suas comunicações. Refere-se, a título de exemplo, que em Abril de 1969 apareceu no limite das águas territoriais do Ceilão uma frota soviética de dois navios e três submarinos, cujos tripulantes foram surpreendidos a distribuir material de propaganda aos pescadores cingaleses.

Por outro lado, tem sido observada a presença de navios russos ao longo da costa da União Indiana. Constata-se, aliás, que teriam sido assinados entre êste último país e Moscovo acordos secretos para o reapetrechamento de certos portos indianos, a fim de serem utilizados militarmente pela União Soviética e comercialmente pela União Indiana. Nestas facilidades tão generosamente concedidas por Nova Delhi, incluir-se-ia a utilização pelos russos do porto português de Mormugão, no território de Goa, militarmente ocupado pelos indi-

nos.

Ainda a propósito deste assunto, refere-se que, em 24 de Junho de 1969, a Embaixada da República Popular da China em Colombo distribuiu um comunicado à imprensa, em que se declarava que, no ano anterior, haviam entrado no porto de Singapura 400 navios russos e que muitas unidades da Esquadra Soviética do Pacífico passam com frequência através do Estreito de Malaca para o Oceano Índico. Ao mesmo tempo - - acrescentava o comunicado - os navios da Esquadra soviética do Mar Negro saem pelo Mediterrâneo para o Atlântico Sul e contornam a parte meridional da África. Nestas condições - concluía - "a renegada clique soviética" está a seguir os passos do imperialismo britânico decadente" e "a fazer esforços desesperados para estabelecer uma rota marítima em arco, ligando a Europa, a Ásia e África". O comunicado referia-se igualmente às "actividades sinistras" da Rússia no Oceano Índico e à existência de conluios entre os Governos de Moscovo e de Nova Delhi, que teriam "culminado secretamente um acordo naval".

03L8R03

É portanto compreensível que o Ministro da Defesa da Austrália, justamente preocupado com a ameaça soviética, tenha chamado a atenção do Parlamento do seu país, em Outubro de 1968, para a necessidade de um sistema de segurança do Índico, em função da sua importância para as linhas de comunicação e para o tráfego comercial.

Também o deputado liberal da Austrália D.J. Killen, mais tarde Ministro da Marinha, declarou, em 15 de Setembro de 1969, que a Armada Soviética é, em termos genéricos, quase duas vezes superior à dos Estados Unidos. Acrescentou que a transformação da Rússia de potência apenas terrestre em potência terrestre e marítima aumentou o perigo de novas pressões políticas, sobretudo nos países do Leste Africano, que são os mais vulneráveis a tais pressões. Disse ainda, a êste respeito, que os russos estão a utilizar a concessão de auxílio militar intenso à Índia para a obtenção de bases navais nas ilhas de Nicobar e Andaman. Essas ilhas, segundo o Senhor Killen, são de alto valor estratégico para a União Soviética, em virtude da distância acessível a que se encontram da Malásia e da Indonésia.

E ainda recentemente, em 27 de Janeiro de 1970, o jornal "Sydney Morning Herald", ao apoiar declarações do Ministro da Defesa da África do Sul sôbre o assunto, aludiu

à actividade e influência russas na ilha Maurícia, que, em sua opinião, poderia vir a tornar-se uma base importante para a força naval soviética. Segundo o mesmo jornal, os receios da África do Sul quanto aos perigos que pendem sôbre a rota do Cabo têm um fundamento sólido, sendo portanto irrelevantes os argumentos apresentados em certos meios britânicos a propósito da possível denúncia do acordo de Simonstown. Se não forem tomadas contra-medidas adequadas - concluía o articulista - a influência dominante no Índico será brevemente a da União Soviética.

VII

Seja como fôr, o encerramento do Suez, em consequência do conflito israelo-árabe, despertou justificado alarme em muitos círculos ocidentais. O perigo é agora reconhecido por altas individualidades militares e políticas de países que antes acolhiam com indiferença ou reserva as preocupações manifestadas a êste respeito por Portugal em reuniões da NATO. Podem citar-se numerosos exemplos.

Assim, em Janeiro de 1968, Sir Alec Douglas-Home, no decurso de um debate na Câmara dos Comuns, proclamou a necessidade de defender o Atlântico Sul e as costas ocidentais da África, e bem assim de criar um sistema de proteção às rotas marítimas naquela zona. Posteriormente, num artigo publicado no "Daily Telegraph" de 3 de Julho de 1969, Sir Alec chamava de novo a atenção para o problema, acentuando que o trânsito do petróleo pelo Atlântico Sul e o aparecimento na região de uma frota de submarinos soviéticos ("Which is ocean nic in its range") tornava a posição geográfica da África do Sul de grande importância estratégica para o Ocidente.

Em Setembro do mesmo ano, o deputado britânico John Biggs-Davison proferiu um discurso em Jersey em que declarava igualmente "a necessidade de um Pacto do Atlântico Sul ou de um seu equivalente". Acrescentava que, em caso de emergência, o Ocidente não podia contar actualmente com uso livre de outros portos africanos que não fossem os de Portugal da África do Sul.

Em 8 de Novembro do mesmo ano, o Jornal alemão "Ost-West-Kurier" inseriu um artigo sobre a eventual criação de um Pacto do Atlântico Sul, em que se afirmava que " a pre-

03L8R03

-nença continua a cada vez mais intensa da URSS na América do Sul e nas lutas de guerrilhas da África Ocidental deixa prever como inevitável um pacto militar". Segundo o articulista o Antartico poderia vir a oferecer um encurtamento das linhas aéreas pelo Polo Sul, e também bases estratégicas, pelo que se revestiria da maior importância a existência de "um planeamento afro-latino-americano coordenado".

Em 11 de Fevereiro corrente o deputado inglês James Ramsden, porta-voz do Partido Conservador para assuntos de política externa, proferiu um discurso a propósito do possível abandono da base de Simonstown, em que considerou os pontos que considerações ideológicas a respeito da África do Sul pudessem prejudicar interesses de defesa. O primeiro dever de um governo - declarou - é assegurar a defesa do país.

Dois dias depois, o Ministro da Defesa britânico, Senhor Denis Healey, afirmava no Parlamento, a propósito do mesmo assunto, que a Grã-Bretanha aceitava colaborar com a República da África do Sul para garantir a segurança da rota marítima do Cabo".

031 8R03

Em 15 do corrente, Henry Kissinger, principal conselheiro do Presidente Nixon para política externa, criticou a Europa, no jornal alemão "Welt am Sonntag", por não fazer novos esforços para a sua defesa. No momento em que a NATO foi fundada - explicava - a principal ameaça à paz do mundo residia num possível ataque da União Soviética contra a Europa; no entanto, "os focos de perturbação fora da Europa tornaram-se nos últimos tempos, um perigo igualmente grave, que a Aliança Atlântica não pode ignorar".

E, em 18 do corrente, o antigo Ministro inglês dos Negócios Estrangeiros Senhor Selwin Lloyd afirmava em Londres que o movimento subversivo na Guiné portuguesa tem como objectivo o Arquipélago de Cabo Verde, com a base aérea na ilha do Sal e a base naval de São Vicente, "de onde é possível fazer o controle estratégico da rota marítima do Cabo". E, depois de salientar que a Rússia é actualmente uma grande potência naval, interessada em estender o seu domínio a todas as rotas marítimas, declarou ser do maior interêsse estratégico para a Grã-Bretanha que a Guiné portuguesa e Cabo Verde continuem nas mãos de um aliado da NATO, salvaguardados portanto de um eventual ataque apoiado pelos comunistas.

No mesmo dia foi lançada nas livrarias londrinas uma obra do deputado conservador Biggs-Davison, em que se ex-

severa que "Portugal defende na Guiné o mundo ocidental". O autor encarece também nesse livro a vantagem de ser celebrado "um Pacto para o Atlântico Sul que se estenda até ao Índico".

Finalmente, de 17 a 20 do corrente, reuniu-se em Norfolk uma Conferência promovida pelo Comando naval da NATO, para a qual chegou a ser encarada a possibilidade de serem convidados como observadores alguns países ribeirinhos do Atlântico Sul, o que vem demonstrar inequivocamente o interesse actual dos países membros pela defesa daquela região. Dado que essa reunião se realizou muito recentemente, só mais tarde se poderá julgar sobre a forma por que este problema foi ali encarado. No entanto, determinadas informações sobre o assunto levam a crer que as mesmas autoridades navais estarão a projectar uma nova Conferência mais ampla do que aquela, para o estudo do problema, dado a haverem considerado como contrária aos interesses do Ocidente a limitação geográfica da actuação das Forças da NATO pelo Trópico de Câncer.

VIII 03L8R03

O testemunho insuspeito daquelas individualidades e a atitude tomada em relação a esta conferência das autoridades navais da NATO, vêm confirmar a pertinência de um ponto de vista que Portugal defende há anos, que é o de que, em face da estratégia global da penetração russa, não pode o Ocidente confinar a sua defesa à região do Atlântico Norte.

Os navios e submarinos atómicos, os aviões de extenso raio de acção, os mísseis de longo alcance, impõem hoje a criação de uma estrutura de defesa extensiva a todos os pontos nevrálgicos do mundo não- comunista.

Neste contexto se compreende que a Rússia tenha lançado desde há muito uma campanha tendente a prevenir a eventual assinatura de um acordo internacional para a defesa do Atlântico Sul. É evidente que, ao chamarem a atenção para um Pacto militar que não existe, os meios de propaganda soviéticos têm em vista sobretudo evitar que o mesmo venha a efectivar-se. Esta política de intimidação, já utilizada com êxito noutros casos, dirige-se principalmente aos países afro-asiáticos, que inconscientemente, a endossam, contribuindo ao mesmo tempo para inibir eventuais iniciativas neste sentido por parte de países ocidentais que procurem cativar aqueles.

Todavia, não numerosas as vozes do Ocidente que começam a fazer-se ouvir, conforme acima se referiu. Despertou-se sobretudo a consciência de que as rotas marítimas do Atlântico estão ameaçadas de um perigo grave e de que se impõe, antes que seja tarde demais a defesa adequada das suas comunicações, e, consequentemente, da sua economia.

031.8.03

Torna-se, na verdade, cada vez mais necessária a criação de um sistema defensivo atlântico, não só para garantir a segurança das rotas marítimas e obstar à penetração comunista nos continentes limítrofes, mas também para salvaguardar outros interesses comuns aos países do Ocidente, como a exploração coordenada das plataformas continentais e das riquezas do fundo dos oceanos, a fiscalização das orlas continentais, a preservação das fontes de matérias primas, a protecção das linhas de abastecimento e, acima de tudo, a defesa da própria civilização ocidental.

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1970.